

## O ESPAÇO CLAUSTRÓFOBO EM TRAJETÓRIAS DE SUJEITOS SOCIAIS NA METRÓPOLE GOIANIENSE: AMBIENTE E SAÚDE - ELOS DE UMA MESMA REALIDADE

### THE CLAUSTROPHOBIC SPACE IN TRAJECTORIES OF SOCIAL SUBJECTS IN THE METROPOLIS GOIANIENSE: ENVIRONMENT AND HEALTH - LINKS OF THE SAME REALITY

**Eguimar Felício Chaveiro**  
Prof. Dr. do IESA - UFG  
[eguimarfelicio@gmail.com](mailto:eguimarfelicio@gmail.com)

#### RESUMO

Com base na idéia que ambiente e saúde formam um elo que compõe a mesma realidade, desenvolvemos uma reflexão das claustrofobias da metrópole goianiense, por meio de entrevistas com sujeitos que constroem a sua vida nesse espaço. A complexidade do espaço metropolitano, ao mesmo tempo em que facilita a mobilidade de diferentes tipos de doença, reúne sujeitos que podem lutar pela liberdade, desenvolver processos insurgentes e de criatividade construindo, também, a saúde.

**Palavras Chaves:** Ambiente e saúde; espaço metropolitano; sujeitos sociais

#### ABSTRACT

Based on the idea that environment and health form a bridge that makes the same reality, we have developed a reflection of the city goianiense claustrophobia, through interviews with people who build their lives in that space. The complexity of the metropolitan area, while facilitating the mobility of different types of disease, brings subjects that can fight for freedom, to develop processes insurgents and creativity building also health.

**Key Words:** Environment and health; the metropolitan space; social subjects

---

“O vôo do pássaro cria uma nova hipótese do espaço”

#### INTRODUÇÃO

O verso inteligente do poeta Regis Bonvicino parece contrastar com o que, Pelbart (2000,p 29), chama “claustrofobia contemporânea”. Das palavras do autor, poder-se-ia sintetizar: a vida atual é uma prisão, isto é, o ambiente metropolitano é indutor de vários tipos de doenças. O vôo do pássaro é, no verso aludido, sinal de liberdade, criação, transcendência, atitude de beleza. Voar é sinal de saúde. Daí, o verso nos recomenda a pensar: a metrópole é, também, um lugar de saúde e da luta para a sua consecução.

Pelbart (2000) ao indicar que vivemos, hoje, a sociedade de controle, segundo a noção de Deleuze e, ao afirmar que o capitalismo contemporâneo penetrou as duas últimas searas, o inconsciente e a natureza, destaca que todos estamos numa prisão a céu aberto. O verso de Bonvicino poderia ser reescrito retoricamente: “rastejar nos becos da metrópole produz outra hipótese do sujeito”.

Cabe, inicialmente, perguntar, nos propósitos desse texto, o seguinte: quais são os componentes sociais que criam o espaço claustrofobo? Esta pergunta, por certo,

---

Recebido em: 11/10/2009  
Aceito para publicação em: 30/11/2009

ganha um timbre mais específico: como os sujeitos desenvolvem suas trajetórias sociais na metrópole goianiense em meio à “claustrofobia contemporânea”? E a interrogação mais centrada é essa: como ambiente e saúde se interconectam no espaço metropolitano?

O trabalho que se segue não se contentará em apresentar as noções de “prisão a céu aberto”, “claustrofobia contemporânea”, “fim da exterioridade do capitalismo contemporâneo”, “quebra de fronteiras”, “fábrica difusa”, “mecantilização da vida”, “servidão maquínica”, “sociedade pós-moderna imperial”, desenhadas pelas mãos inteligentes e frenéticas de Peter Pelbart (2000, 2003). Postado na interpretação geográfica, debater-se-á essas noções, incluindo relatos de sujeitos sociais e suas mobilidades na metrópole goianiense, tendo como referência, a ideia que há um elo indissociável entre ambiente e saúde.

Ao especificar a metrópole goianiense como dado espacial, estará retomando um pressuposto básico: toda prática social é, junto, uma prática espacial. Ambos se aglutinam em torno da produção cotidiana da existência, num elo ininterrupto com variáveis do lugar e do mundo. Deste modo, o sujeito age no espaço na mesma proporção que o espaço age sobre o sujeito. O espaço é, então, um referencial de vida porque torna a existência concreta; e a vida é um componente do espaço porque o devir humano apropria-se do espaço herdado, cria rotas de fluxos, envolve-se com a natureza, acolhe o mundo no lugar, ressignifica a paisagem, coletiviza os símbolos e o transformam num pleito relacional e vivo.

### **Vida na metrópole: a metrópole no mundo: um ambiente de “mil faces”**

O garoto João Hélio é arrastado covardemente na Rio de Janeiro de Jobim; a garota Isabella é jogada pela janela do apartamento seminovo, na São Paulo de Adoniram Barbosa, causando um alarde nacional midiático; o menino negro migrante tem um olho furado numa briga na escola municipal, na região metropolitana de Goiânia. Descobre-se: hoje a estratégia de ação de assaltante é assassinar uma das vítimas para subordinar as demais pela via do medo. Seqüestros relâmpagos são novas modalidades urbanas de extorsão; o telefone celular é o novo equipamento que compõe a logística organizativa dos traficantes presos; um bêbado morre na enchente do Córrego Botafogo, em Goiânia. A estatística considera: morre em Goiânia um motoqueiro na média diária. Aumentam os casos de pedofilia e de psicopatia.

E cresce igualmente o número de acidentes de trânsito em todas as metrópoles brasileiras. Um perigo ronda todos os clientes de bancos: a cópia do cartão eletrônico que usa processos iguais às ações clandestinas que produzem CDs piratas. A polícia goianiense – dizem – tem livre arbítrio para o extermínio silencioso das vítimas. Está em questão, no Brasil, o uso da “coleira eletrônica”, recurso que permite seguir os passos do sujeito delinqüente.

Pelbart (2000, p 30), ao defender que hoje é o tempo do turbocapitalismo que, por sua vez, é comandado por redes moduláveis, sintetiza: *o sujeito contemporâneo é um consumidor de fluxos*. O papel das redes de informação como a internet, a forte influência da mídia e de sua ligação com as grandes cadeias que filtram as informações, a invasão do tempo livre, a mercantilização do ócio em nome dos símbolos e das imagens de vida, transformam lazer em operação mercantil, coloca a fábrica dentro da TV, no interior dos programas, no estilo das personagens. Isso dá uma supremacia ao fluxo relativo ao espaço. Vê-se, portanto, o fim da geografia com a edificação de “espaços lisos”.

Ao entrevistar uma migrante da zona rural que vivera mais de 50 anos na “roça goiana” e que há 10 anos mora em Goiânia, observa-se:

*“Meu fio, eu tem medo da cidade, né, é por causa dos problema, muita violência. Eu fico preocupado com os menino. Falo pra eles: num sai*

*à noite, não, é perigoso. Tem gente dimais. Gente estranho. Ocê num sabe, né, quem é todo mundo, ocê num conhece. Quem conhece os ôtro? Eu num conheço quase ninguém, eu num saio, não. Quando eu saio é pra pegá a posentadoria. A minha fia vai comigo, me leva de carro. Num gosto de andar de ônibu, não”.*

A sua narrativa apresenta sinais do aprisionamento a céu aberto, pontuado como “violência”, “desconhecimento do Outro”, “excesso de pessoas”, “dificuldade de se locomover nos ônibus”. A narrativa revela, também, elementos subjetivos advindo da vida na metrópole: “medo”, “perigo”, “anomalia”, “dependência da filha”.

Ao indagarmos como era a sua vida na roça comparada com a vida em Goiânia, com ênfase e emoção, ela revela:

*“Era assim...Nóis trabaiava dimais, desde minina. Se não trabaiasse, ocê sabe, né: o meu pai era bravo, a gente obedecia ele. Fazia de tudo: limpava casa, fazia comida, levava comida na roça, fazia queijo, fazia doce, cuidava de galinha, criação. Eu num estudava, não. O meu pai não gostava que nóis estudasse, não. Estudá praquê – ele falava! Eu até quiria, maisi num importava muito, não. Era tranqüilo porque num tinha violência, a gente conhecia as pessoa. As pessoa era boa, num roubava, a gente conversa cum tudo mundo. Mas não era uma vida fácil, não”.*

Fora a dor de não estudar e de apresentar sinais que hoje a sua condição de analfabeta contrasta com o que se requer a vida atual, o que parece no seu discurso também como ação de violência, há uma compensação da antiga vida: a não violência do espaço exatamente porque a relação com o Outro era formada pela confiança e pelo conhecimento de quem era esse Outro.

Poder-se-ia dizer que o sujeito conhecia os códigos de seu mundo. O modo de vida era impregnado de símbolos que eram forjados a partir das relações sociais do lugar, ou então do consentimento de seus valores entre os entes da comunidade. Em outros termos: o ordenamento simbólico da tradição, ao ligar a vida ao espaço criava um sentido de respeito, de confiança.

A violência neste pleito era um dado codificado, fazia parte da ordem. Era um símbolo de coesão social, por isso invisível. Enquanto que o mundo liberal, representado pela vida na metrópole, distende os símbolos, evidencia a prevalência das instituições liberais como o mercado, a escola, o hospital, a fábrica etc. E, ao fazer isso, elabora um espaço distante do modo de vida de determinados sujeitos, como é o caso da informante.

Mas, ao ser condizente com o desejo de gerações mais novas, coloca o sujeito num regime de competição, de consumidor desatinado, além de cindi-lo, pois o mesmo regime simbólico que cria o desejo nega socialmente as condições de apetece-lo. A mercadoria dança no desejo, mas não chega às mãos. Sem trabalhar não há como se chegar aos objetos oferecidos pela metrópole mercantil, carros, lazer, shopping, boites, tênis etc, mas não há como trabalhar porque o desemprego é estrutural.

Observe a narrativa de uma jovem:

*“Meu pai vende bananas. Ele vende em oito (8) feiras durante a semana. Ele fica querendo que eu e minha irmã vai trabalhar com ele. Ele é bom para nós. A minha mãe fica falano para nós ir. Mas ela entende: nós somos jovem, né. A gente fica um pouco com vergonha. Eu fico irada. A minha irmã também fica. A gente ameaça. Ele fica triste. A gente vai, meio sem vontade. Eu queria fazer outra coisa, trabalhar num shopping, sei lá! Mas não arruma emprego - é difícil”.*

Observa-se que a jovem adolescente enfrontada dos signos que geram uma identidade a partir da imagem de vida como sucesso econômico, entra num choque

com o próprio pai que, sem também ter formação e sem ter outra oportunidade de trabalho, compõe a grande cifra de trabalhadores informais da metrópole. Com a venda de banana é que supre as necessidades primárias para exercer a sua vida. As imagens de vida do “turbocapitalismo”, neste caso, entra na relação entre pai e filha. Pelbart (2000, P27) diz que

(...) É preciso admitir que isso acontece também “embaixo”: esse poder de criar e promover a vida (e não se entenda por isso apenas as atividades de procriação, mas da produção e reprodução de afetos, de subjetividade, de formas de vida) é exercido por todos e qualquer um, sobretudo num momento de economia imaterial em que mais e mais a produção se estende a serviços que requerem e formatam subjetividade.

A força do que é chamado de “economia imaterial” na formação dos sujeitos, ganha na metrópole um lugar de excelência, exatamente porque é próprio do espaço, em sua escala, apresentar possibilidades de relações, tanto no campo objetivo como no campo subjetivo.

Ao proceder uma leitura interpretativa da importância do espaço e averiguar a narrativa dos sujeitos da metrópole, pode-se sintetizar que, ao invés de se constatar o “fim da geografia” mediante a consecução de um “espaço liso”, o que se percebe é um espaço – no caso da metrópole goianiense -, recheado de conflitos, erigido, por isso, também por possibilidades. Cabe indagar: o analfabetismo imposto às mulheres da tradição não eram uma violência? Havia possibilidades de mobilização social fora das contradições criadas pelas instituições liberais e estampadas nas paisagens?

Parece que ao invés de proclamar “o fim da geografia” deve se enunciar a sua importância, pois o que está em questão é a ligação efetiva e clara da vida do sujeito com o espaço desenvolvido por contradições sociais. Arroyo (2004) ao falar da violência escolar sugere que a violência contemporânea, em suas diferentes formas, no modo como é apropriada, e nos seus vastos efeitos, existe para dizer o que este mundo é.

Por isso é que, Júnior (2005), sintetiza que quase “todo sujeito de violência é, antes, um sujeito violentado”. É o espaço que é violento – e, por isso, violenta. Mas a violência, assim como o desemprego estrutural, a ação da tecnologia na produção, a grande circulação de símbolos mercantis no espaço metropolitano, os problemas ambientais, “as novas doenças da alma” não têm como se dispor num único sentido. Se a vida na metrópole espelha os tentáculos da sociedade de controle, ela, no mesmo pólo, convoca ações de liberdade, de insurgências e de criação.

### **A insurgência criativa: o benefício da complexidade - quando a saúde é uma invenção política**

Vários autores ligados ao campo de saber da geografia têm dito que o espaço contemporâneo se caracteriza por ser complexo. A sua complexidade decorre de alguns fatos, causas e eventos: a aceleração do tempo; a mudança no regime de fluxo; a circulação de símbolos; a mobilidade de mercadorias, de idéias e pessoas; a aglutinação de vários corpos e identidades; a disputa territorial renhida e recorrente; as mudanças que se procedem no seio da subjetividade, no campo dos valores e de novas estratégias ideológicas.

Todos esses fatos e eventos podem ser sintetizados: o espaço contemporâneo é costurado por uma enormidade de variáveis que se cruzam, se expelem e se contradizem ininterruptamente. E se atingem o espaço, matizam-no, atingem o sujeito e a seu ordenamento subjetivo. Poder-se-ia fazer uma analogia: o espaço metropolitano é guardião de tempos acumulados, tempos esses que atravessam os

sujeitos, adornam-os e os remetem a um pleito de fragmentação e de complexificação também.

A complexificação do espaço levou alguns geógrafos e profissionais de outros campos a defenderem a idéia de caos, descontrole total, ingovernabilidade espacial, territorial, fim das utopias etc. A metrópole é, por excelência, a expressão dessa complexidade. E a noção de sujeito fragmentado, defendido por Rolnik (1989) assegura a idéia: os tempos do mundo ao atravessarem os sujeitos mediante símbolos espúrios, distanciam o indivíduo de si mesmo, fraturam-no e os colocam numa defasagem de existência. Promovem um desenraizamento.

E a metrópole toda como espaço trânsfugas, caótico, transbordante, alucinante, delirante, sofre, na perspectiva dessa leitura, uma representação de que apenas “é um nome sem forma”, ou um nome com mil formas em movimento. O bordado das paisagens de sua gente e de sujeitos de fora, a luta renhida e absurda pela vida, a aglomeração de tantos objetos, signos e símbolos não formam unidades de significação. É, de fato, uma geografia disparatada.

Outra leitura, num viés oposto a esta, insistentemente retomada por nós, tem dado conta de que a metrópole cumpre um papel: atualizar no lugar o tempo do mundo; apresentar para o mundo, a partir de seu lugar, o que é do local. Sendo assim, a metrópole medeia a inovação com as coisas do lugar. E o faz expressando os problemas do modo de produção, como o desemprego estrutural, os problemas ambientais, a fome, a violência etc. Por isso, não há caos, há contradições que fazem parte de um ordenamento social.

Os bordados da periferia proletária, as filiações de seus sujeitos aos novos troncos da subjetividade contemporânea, o esforço para criar registros positivos na vida institucional, a luta pela vida, a apropriação de novos símbolos, todavia, transformam a complexidade metropolitana num benefício para sujeito ver o mundo e ver a si mesmo, ler o tempo nas paisagens, reconhecer o mundo que tem a partir de seus conflitos. Por isso, ela instiga a luta pela liberdade e a ação de insurgência criativa.

Ao entrevistarmos um sujeito que saíra do campo para a metrópole goianiense, percebe o que está sendo apresentado. Ele diz que

*“Atualmente desenvolvo uma pesquisa em nível de mestrado sobre pesquisa hidrográfica. Eu sou do interior, tive infância na roça, onde fiquei até 17 anos. A minha vida, assim... desde que comecei a entender por gente - e a memória consegue captar -, é lembrada que estudei em escola de roça; acordava de manhã, tinha que tratar das galinhas, ajudar a mãe para tratar dos porcos e ajudar o pai no curral. Pegar galinha. A nossa casa era amarela, grande, feita de adobe, com porão, assoalho de madeira, tinha uma tuiá grande, a gente usava azeite, lamparina, nunca usou querosene. O pai faleceu e tive que mudar. A nossa vida melhorou, o meu trabalho é bom, tenho curso superior, tenho boa renda. Mas o mais importante é que tenho conhecimento cultural, embora do ponto de vista da alma gostava mais da roça, mesmo com as dificuldades da roça. Eu enxergo que tenho bom futuro – e faço coisas que me dão prazer”.*

Essa narrativa não pode expressar a vida de todos os migrantes, mas também não é uma amostragem sem significado. Observa-se que a sua vida era difícil e sem perspectiva. Quando procuramos ver as suas experiências mais específicas de vida na metrópole, o resultado é:

*“Quando eu cheguei na cidade, tinha o ensino médio. Não enxergava nada. Coisas valiosas para mim foi conhecer pessoas com envolvimento político, com envolvimento cultural, com envolvimento no movimento social. Isso fez o meu universo ficar mais rico. A partir dessas relações pude entrar na universidade e surgiram uma série de*

*coisas. Pude conhecer a arte universal, os principais autores da literatura universal, grandes compositores do Brasil e da América Latina. Aqui tive mais possibilidade, mais abrangência de conhecimento”*

Nesse campo, outro relato é esclarecedor:

*“Quando nós migramos da roça para Goiânia, as coisas estavam difíceis lá. Mas aos poucos, eu fui adaptando. Logo entrei nas comunidades de base. Comecei a participar de Encontros para discutir Reforma Agrária; participei do comício pelas Diretas Já; já fazia ponte com o Movimento Estudantil; me tornei militante de um partido de esquerda. Quando vi estava numa brigada que apoiava a América Central. Era amigo de literato, deputado, artista. Ajudei a criar núcleos de moradores, movimentos que lutavam pela casa própria. Eu nascia como sujeito. Tivemos muito equívocos, crenças bobas. Mas a história que guardo, a experiência de vida. Toda essa experiência está presente em mim, no que penso, no que faço. A grande vitória foi sair do medo, da subordinação, do preconceito”*

Observa-se que é necessário recolocar a leitura do espaço: o campo da troca simples criava um regime de ordenamento simbólico com pouquíssima possibilidade de envergar condutas de insurgência, de mobilização e de criação da condição de sujeito; na metrópole liberal, essas condições aumentam, mas o processo ideológico, os perigos, a violência, a fome e a disputa bem como os códigos de dignidade são peças que ferem a vida do sujeito. Pelbart (2000, p. 45) analisa a cidade neste período:

(...) uma estética neutra, uma espécie de alucinação do normal, uma sensualidade da evacuação, cidade construída sobre uma tabula rasa, a arquitetura prática aliada a uma espécie de prática do pânico. Uma cidade sem qualidades, diria o leitor Musil, embora no interior do mais neutro eclodam surpresas insuspeitadas.

Apregando que a cidade é a forma excelente da exterioridade, ou seja, o exemplo total de inclusão do capitalismo nas formas, nos objetos, nos eventos, nos símbolos, o autor pergunta se ela comporta alguma virtualidade, se ela se constitui um meio a ser explorado e se presta a novos trajetos. Goiânia, uma metrópole regional representante de um território liberal, como é o caso de Goiás, se presta a novos trajetos?

### **Trajetos de cor e de imagens: a criação autocriadora**

A metrópole reúne em seus flancos diferentes corpos, diversas vozes, identidades as mais díspares. É uma cartografia aberta e entrelaçada. São promotores culturais, flanelinhas, florestinhas, burocratas, profissionais liberais, comerciantes, comerciários, agentes políticos, grafiteiros, gestores, artistas de rua, malabares, circenses, mendigos, religiosos, empreendedores imobiliários, portadores de doenças, estudantes, roqueiros, funkeiros, gente do Movimento social, das mobilizações, das organizações não-governamentais; pessoas escusas; torcedores do futebol, capoeiristas, vigiadores de carros, gente que ressalta o narcisismo, que vive do masoquismo e da comoção; negociantes do àtoa, compradores de imagens, conforme assinala Pelbart (2000) etc.

Essa cartografia enfronha-se num rol de objetos que consagram usos, funcionalidades, escapatórias, desvios e errâncias, as mais diversas. São parques urbanos usados para sediar maconhódromos; são estádios de futebol para apetercerem a fúria de uma subjetividade esmagada; são passarelas de shoppings para ceder à performance; são mobilizações para darem visibilidade à madames caritativas; academias luxuosas para usar o espelho; são vitrines para o transeunteajeitar o cabelo rastafari.

Fora isso, os eventos são múltiplos: um show ao vivo com a TV mobilizando a gente da periferia; acidentes de veículos; assalto a bancos; seqüestro de órgãos; fugas de presidiários; correria de ambulantes diante do “rapa”; festa rave; bienais; encontros folclóricos; mostra de cinema; seitas orientais; terapia coletiva na rua.

Alguns objetos tênues tomam conta do cotidiano, expressam o mundo, revelam o conteúdo metropolitano, que diga-se o telefone celular, a agenda e o pen drive. Todos eles oferecem uma multifuncionalidade, mostram o controle do tempo, a necessidade de o sujeito metropolitano estar atualizado para o trabalho e para comunicação. Esses objetos dizem também a necessidade de organizar minimamente o tempo, acelerarem o movimento de suas relações, de seus contatos, participarem das situações que lhes são atribuídas ou que lhes são compelidas.

Objeto de trabalho, élan da cultura juvenil, instrumento de informação, de lazer, todos esses objetos técnicos mostram novas relações espaço/temporais do sujeito: se antes o camponês organizava o seu tempo mediante o plantio, a colheita e a entressafra. E todas essas fases estavam ligada ao período de chuva/seca e às estações que facultavam a leitura do clima e do tempo atmosférico, o telefone celular, a agenda e pen drive colocam o sujeito num tempo intensivo e ubíquo, capaz de transformar os sentidos em peças que recebem os impulsos do capitalismo mercantil globalitário e transformam o sujeito no receptáculo de um trama que produz o desejo alheio à sua experiência de vida.

Esses objetos técnicos, além de terem presença em cidades pequenas e locais, no campo e em espaços ruralizados, podem ser usados – e são – com outros objetivos. Diferente de padronizarem condutas, esses objetos estabelecem situações de várias espécies. Por exemplo: o papel que o celular possui na organização das redes de narcotráficos; ou o papel que possuem nas ações coletivas da população presidiária.

Se há um uso escalar de cada objeto técnico, conforme refletiu Gonçalves (2006) que têm, dentro, determinados saberes e culturas universais, mas cada um possui intenções sociais, os conflitos dos sujeitos são encaminhados para os propósitos de usos. Aqui entra as insurgências e o poder da criação.

Mas que isso, os problemas oriundos do tempo acelerado mobilizam ações para a desaceleração do tempo; os problemas de usos indevidos e intensivos da água pressionam para que se pensa, conheça e se reflita sobre o sentido político da água; o mesmo processo que cria a anomia, abala as identidades e esmaecem as memórias coletivas, motiva o “desejo de comunidade”, o exagero da complexidade etc., convocam a atitude ética, estética e política do cuidado e da simplicidade.

### **A cor do mundo e a experiência da criação: atos saudáveis no ambiente múltiplo**

Já foi dito: a metrópole reúne diferentes grupos sociais e os entrelaçam a partir de trajetórias específicas no logro da vida metropolitana. Há espaços repulsivos como as penitenciárias, os asilos, os laboratórios que respiram perigo químico, os hospitais de urgências, as clínicas de abortos, os cemitérios etc. E há espaços reluzentes no campo da cultura, como os museus, as universidades, os teatros, cinemas etc. E há espaços do poder, do contrapoder, da performance etc.

Durante mais de sete anos desenvolvemos um contato amigável com a ex-Colônia Santa Marta. Orientandos de graduação, de mestrado, artistas, médicos, literatos, gestores, arquitetos, gente do movimento social, alunos do curso de Especialização, vereadores, psicólogos e arte terapeutas estiveram conosco montando oficinas, fazendo investigações acadêmicas, mobilizando ações políticas, montando vivências etc.

O trabalho fez resultar numa relação forte com um tipo de sujeito especial da metrópole goianiense: o portador de hanseníase. Descobriu-se histórias pessoais promovidas pelo acoite da doença quando ela era almejada como castigo de

Lázaro. Percebeu-se a rica trajetória desse sujeito vivendo o asilo pela ameaça da lepra; as fases da instituição; a política de política com que o regime de isolamento procedeu com o sujeito portador da doença.

E também foi possível ver a ação de insurgência criadora desse sujeito que, diante do preconceito, do isolamento, do triste fardo simbólico de ser nomeado pela doença antes do nome próprio, desenvolveu atitudes de significação. Em muitos casos, pintando com tocos de dedos, costurando com um olho fechado, agindo com as mãos mesmo com o nariz carcomido, abriu-se o mundo e para o mundo.

As trajetórias desses sujeitos são ricas, vastas e ensinam a lição da criação...

Corindo foi para colônia com 12 anos de idade quando descobriu que portava hanseníase. Ele foi um dos últimos a ser internado em regime de internação compulsória. Embora tivesse a doença e sofresse o olhar que deveria cuidar das feridas andantes, era um moleque custoso. Vivia a adolescência esquecendo a doença e lembrando o fulgor da idade.

Havia uma ação que lhe acalmava: rabiscar papéis, paredes, muros. Descobriu-se que poderia estar ali um talento no asilo. Ele fora levado para o Instituto Veiga Vale onde aprendera técnicas de pintura. Certa vez descobriu que havia pessoas que apenas pintando rosto mediante a técnica do grafite “ganhavam a vida”.

Foi para o centro de Goiânia vender os seus rostos em grafites. Passou a ter uma autonomia financeira; casou-se; teve filhos. E retornou, posteriormente, ao espaço da Colônia para celebrar a sua ascensão criativa. Por uma limitação clínica, Corindo não poderia utilizar tinta a óleo, razão pela qual foi compelido a inventar misturas com as cores azul, a amarela, a vermelha e a branca.

Promovendo as misturas gerou tonalidades variadas - e alegria cromática - que aprendera a passar aos seus quadros. A alegria de suas cores desenha palhaços, festas tradicionais de Goiás e Eventos alegóricos, ritos religiosos. Os seus quadros ganharam o mundo, dão-lhe a identidade de sujeito que age criativamente e que repulsa qualquer comoção diante de sua história. Ele mesmo diz: “eu pinto o mundo com as minhas cores”.

Além de pintar, fala de pintura a partir de sua trajetória. A trajetória de sua criação foi fundamental para a sua autocriação. Seus quadros carregam a vitória sobre a doença e palpitam que a doença é menor que o possível de qualquer sujeito. Ensina, também, que vida sem criação é vida subordinada. E criação sem insurgência pode transformar a subordinação num espetáculo. É alienação.

Corindo diz que teve medo na adolescência, mas que não deixou o medo corromper a sua vontade de viver. Diz-se gratificado com a sua potência de vida, com a capacidade de ser solidário e fraterno. Defende que cada ser humano, portando hanseníase ou não, tem necessidades especiais, mas é especial porque não possui limites. A criação é essa possibilidade de alargamento de limites, o caminho aberto da potência a uma nova condição.

### **Considerações finais**

Observa-se no trabalho apresentado que mesmo num asilo e embora flechado pelo discurso ameaçador de uma doença que sofre uma repulsa social, é possível congratular, festejar, criar. Barcelos (2006), ao estudar o “poder transformador do samba”, verificando a sua interessante história - de pathos a ethos -, revela que a criação pode se dar nos pequenos vazios, nos interstícios, nas fendas, nos poros do poder institucional. Há esferas mórbidas que subordinam. Mas não há subordinação total. O ser humano e sua condição política entranham todas as esferas num regime de tensão; por isso, de luta por superação de estado e situações.

Quais são as fendas da metrópole? Ou: ela pode subjugar todas as vozes, todos os silêncios, todas as utopias, todos os rompantes a partir de seu jogo capitalístico que propõe controlar tudo? Não é o cárcere a situação significadora da canção de liberdade?

Pelbart (2000, P.59) ao avaliar, num diálogo com Deleuze 2000, que “o pensamento que vem de fora”, gera tão-somente uma relação com um fora. O mesmo autor ao conceber que o pensamento - e as suas faculdades - não são inatas, pensar, por isso, é pensar a partir de um encontro, estabelece que os encontros com o exterior, mediados pelo espaço, criam situações heterogêneas.

A metrópole é o lugar das forças heterogêneas que força o pensamento, que o estimula, que lhe obriga a escapar das flechas do controle. É própria do pensamento uma respiração infinita, um alívio de toda agonia, a escapatória dos suplícios. A poesia, a pintura, a busca das raízes é a salvação possível. Transformar cicatrizes em frutos estéticos - e fazer da estética uma voz política - robustece o sistema de significação da criação, pois ela se reveste de importância histórica, sai dos planos performáticos, egocêntricos, narcísicos e entra em planos invisíveis: a história dos sujeitos, negros, camponeses, portadores de necessidades especiais, os “esfarrapados do mundo”.

A criação passa a ser o emblema de vida. Vida sem criação é burocracia consentida. Ou institucionalização de um corpo que vegeta e se fecha em si mesmo. A quantidade de signos e de símbolos de uma metrópole, o entrelaçamento denso das diversas trajetórias de seus sujeitos, a variação das paisagens, a disputa dos diferentes territórios, expõem o mundo na sociodiversidade metropolitana. Esse mundo entra na percepção de seus sujeitos, cravam dentro as suas imagens, as suas representações, distendem valores e traçam outros.

Essa amalgama recorrente de fluxos simbólicos se dispõe em todos os lugares - e em todos os momentos. Os símbolos de insurgência em forma de mostras de cinema, festival de teatro, atividades mambembes, incursões de povos de rua, cinema na periferia, bandas estudantis, orquestras de violas, catireiros, foliões, sambistas, artesãos, pintores, contadores de causos etc., acabam por ganhar corpo nos movimentos sociais, serem valorizados por frentes que criticam a espetacularização, a performance, o comércio da dor, a tragédia cotidiana.

Nos vãos se entrelaçam sujeitos que criam e, a partir da criação, irrompem novas condutas do afeto e do desejo. Ao procederem dessa maneira, geram uma acepção política nesse fazer entrelaçado porque recriam valores, alegrias, modos de ver e de perceber, de amar, de relacionar. E, em muitos casos, lutam contra preconceitos, colocam em cena e no centro do palco gente que não segue o padrão típico das esferas dominantes. Mais que discurso ou filiação aos institutos da política burocrática e profissional, a elaboração da política se mistura à vida, faz da vida, ela sentido e exercida, um componente da política.

Nesse pleito - e com esse propósito - ocorre, por exemplo, atividades de Danças Circulares. Os ativistas dessas danças estudam modalidades indígenas, africanas, hebraicas, muitas das quais com a idade superior a 2000 anos. A partir das danças, a vida é colocada na roda. E a roda envolve sujeitos que portam hanseníase, presidiários, jovens presidiários, alunos de escolas municipais.

Pode haver política de vida sem alegria do corpo?

O corpo esmaecido, neurótico, triste, flechado pela dor geralmente cede às lamentações próprias da cultura que o embasa. E serve cada vez mais ao processo que aliena e que controla, que lhe quer entregue ao pessimismo que habita as frondes do mundo. Sem vontade e sem alegria, o sujeito deixa de criticar, sonhar, projetar, aceder-se ao Outro para compor atitudes de mudança.

É próprio de um regime neurótico desejar transferir a dor para o próximo, irradiar, como nas palavras de Deleuze (1998), a sua vontade de veneno, proibir a alegria do Outro como estratégia de cumplicidade mórbida, suspeitar de todas as mudanças e de todo comportamento que sai da normatização. Dançar, cantar, criar, pular – eis aí ações que comunicam às células o turno do possível de um sujeito. Botar a vida na roda e reinventar-se como sujeito que age transformando e, ao transformar aprende, mundifica-se.

## REFERÊNCIA

- ABREU, M. de Almeida. Sobre a memória das cidades. Território, Rio de Janeiro, ano III, n. 4, jan/julho. 1998, p.5-26.
- ARRAIS, Tadeu Alencar. Geografia Contemporânea de Goiás. Goiânia: Ed. Vieira, 2004
- ARROYO Miguel D. Imagens Quebradas – trajetórias e tempos de alunos e mestres, Petrópolis – RJ: ed. Vozes, 2004.
- ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Brasília; IPEA, 2000
- BARCELOS, T. Maia. Re-quebras da subjetividade e o poder transformador do samba, Tese de doutorado, São Paulo: PUC-SP, 2006
- BARREIRA, Celene Cunha M. Antunes. A região da estrada do Boi: usos e abusos da natureza. Goiânia: CEGRAF, 1997
- BONVICINO, Régis. Outros Poemas, São Paulo: Iluminuras, 1993
- BORGES, Barasanufo Gomides. Goiás nos quadros da Economia Nacional: 1930 – 1960. Goiânia: UFG, 2000
- BORBA, Odiones de F. Cidade de Goiás: redefinição de usos e formas. Dissertação de mestrado – UFG, 1998
- CASTILHO, Denis. Tempo do Espaço, Tempo da vida: uma leitura socioespacial de Heitorai. Goiânia; Ellos, 2007
- CHAUL, Nasr Fayad. Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade, Goiânia: CEGRAF, 1997.
- EIDT, Leticia M. Breve história da hanseníase: sua expansão do mundo para as Américas, o Brasil e o Rio Grande do Sul e sua trajetória na saúde pública brasileira, In. Saúde e Sociedade, V.13, N.2, P.76-88, São Paulo: SP, 2004
- DELEUZE, Gilles. Diálogos, São Paulo: Ed. Escuta, 1998.
- DEUS, João Batista. As atuais transformações estruturais na economia goiana e os seus desdobramentos nas mudanças socioespaciais. In: ALMIDA, M.G e Et Alli (org). Abordagens de Goiás: o Natural e o Social na contemporaneidade. Goiânia: IESA, 2002.
- DOURADO, Odete. Para sempre, memória. Revista Rua, Salvador, v.2, n.3, Jan. 1989, p., 65-74
- DOSSIÊ – Inscrição da cidade de Goiás na Lista do Patrimônio da Humanidade, 1999.
- GONÇALVES, Carlos Walter P. A globalização da natureza e a natureza da globalização, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- GUATTARI, F. & ROLNIK S. Micropolítica: Cartografias do desejo. Petrópolis-RJ: Vozes, 1986.
- HAESBERT, Rogério. Território Alternativos. São Paulo: Contexto, 2002.

JÚNIOR, Ricardo S. de Jesus. Espaço urbano e criminalidade na região Noroeste de Goiânia-Go: a visão dos sujeitos sociais (2004), dissertação de mestrado, Uberlândia-UFU, 2005.

LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. São Paulo: Editora Moraes, 1981.

LIMA, Samuel do Carmo e GUIMARÃES, Raul B. Determinação social no complexo tecno-patogênico informacional da Malária, In: HYGEEA, Revista brasileira de Geografia Médica e de Saúde – 55 -77, Uberlândia-MG: UFU, 2007.

MAIA, Carlos E.S. Ensaio Interpretativo da Dimensão Espacial das festas Populares. In: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R. Lobato. (Orgs) Manifestação da cultura no espaço. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

MARICATO, Ermínia. Metrópole na Periferia do Capitalismo: legalidade, desigualdade e violência. São Paulo, 1996.

MENEZES, Eleuzenira Maria de. Migrações. Migrações para Goiânia – Os nordestinos (1930 – 1970). Dissertação de Mestrado em História, 2004

PELÁ, Márcia Cristina Hizim. Nota de Pesquisa – O mapa cultural de Goiás. In: Revista Ateliê Geográfico, v. 2, n 3, p. 162- 168.

PELBART, P. P. A nau do tempo rei: 7 ensaios sobre o tempo da loucura. Rio e Janeiro: Imago, 1993

PELBART, P. P. A vertigem por um fio: Políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000

PELBART, P.P. Vida Capital: ensaios de Biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PORTUGUEZ, A. Pereira. Consumo e espaço: turismo lazer e outros temas. São Paulo: Roca, 2001.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo e Pinski, Jaime (Orgs). Turismo e Patrimônio Cultural, São Paulo: contexto, 2001

RODRIGUES, Uelinton Barbosa. Migração Internacional dos goianos: a desterritorialização globalizada do trabalho. Dissertação de Mestrado. Goiânia, IESA/UFU, 2007

ROLNIK, S. Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000

----- . A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999

SIMÃO, Maria Cristina R. Preservação do patrimônio cultural das cidades. Autêntica: Belo Horizonte (MG), 2001.

SOUZA, Marcelo Lopes. O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras. RJ: Bertrand Brasil, 2000

VILLAVICENCIO, Ricardo Javier. Análises comparado de La transición demográfica Y de La transición epidemiológica em La província de San Juan, Argentina. In: HYGEEA, Revista brasileira de Geografia Médica e de Saúde – 15 -27, Uberlândia-MG: UFU, 2006.

ZANCHETI, S. Et e al (org). Estratégias de intervenção em áreas históricas: revalorização de áreas urbanas centrais. Recife: UFPEMDU, 1995.